

humanitas

Vol. XLVI

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. XLVI • MCMXCIV

2.ª PARTE DA MISCELÂNEA EM HONRA

DOS DOUTORES WALTER DE MEDEIROS E MANUEL PULQUÉRIO



DELFIN FERREIRA LEÃO
Universidade de Coimbra

ANÁLISE RETÓRICO-ESTILÍSTICA
DE UM PASSO (vv. 961-1023)
DAS *NUVENS* DE ARISTÓFANES *

Quando Estrepsiades consegue convencer o filho a frequentar o Pensadoiro (*Φροντιστήριο*) Sócrates, o director da escola, faz entrar em cena duas personagens: a encarnação do Raciocínio Justo e do Raciocínio Injusto¹. O rapaz que escolhesse qual dos dois desejaria aprender, depois de ambos ter escutado. Os dois Raciocínios, assim que aparecem, insultam-se mutuamente, até que intervem o corifeu e lhes diz que fale um de cada vez: o Raciocínio Justo defenderá o *curriculum* que ministrava às gerações passadas e o Raciocínio Injusto a nova pedagogia. O agon cómico, segundo a convenção, começava anarquicamente e só depois se disciplinava, até porque esta entrada tempestuosa tinha boas possibilidades de atrair desde logo as sim-

* Aqui deixo expresso o meu agradecimento à Doutora Maria de Fátima Sousa e Silva, pelas interessantes sugestões dadas numa fase inicial deste trabalho, e à Doutora Maria Helena da Rocha Pereira, pela bondade demonstrada ao chamar a minha atenção para algumas questões de pormenor.

¹ A presença deles em cena será uma grande *fictio personae* (*προσωποποιία*). A prosopopeia é uma variante da realização da alegoria que consiste na introdução de coisas concretas bem como de noções abstractas e colectivas que se apresentam como pessoas no discurso e no tipo de acções praticados. O caso presente em Aristófanes é a *personificação* das noções abstractas de dois discursos contrários. Um exemplo célebre da exploração de uma coisa concreta como ser humanizado se pode ver em Fernão Lopes, *Crónica de D. João I — I volume*, caps. CLX-CLXI, 343-347, Livraria Civilização (1990). Aí, a cidade de Lisboa responde a esta interpelação do cronista: «Oo çidade de Lixboa, famosa amtre as çidades, forte esteo e collumpna que sostem todo Portugall! quegemdo he o teu esposo? e quaaes foram os martires que te acompanharõ em tua persseguição e doorido çerco?» (p. 343).

patias do público. Está para começar o κίνδυνος σοφίας (v. 955). Que vencesse o melhor, depois de ambos terem exposto as respectivas posições, fiados τοῖς περιδεξίωσιν / λόγοισι καὶ φροντίσι καὶ γνωμοτόποις μερίμναις ('na extrema habilidade dos argumentos, em conjecturas, nas tiradas sentenciosas' — vv. 950-952)². É a habilidade oratória que está em jogo.

O primeiro a falar é o Raciocínio Justo (vv. 961-1023) e durante a dissertação é, por duas vezes, interrompido pelo orador adversário. São estes os versos que me proponho analisar com mais pormenor³.

O discurso proferido pelo Raciocínio Justo pertence ao *genus deliberativum*. O que ele pretende é demonstrar que o modelo educativo antigo é o mais vantajoso para a formação do espírito dos jovens. Por isso o propugnador desse *curriculum* intenta persuadir o ouvinte a que o escolha em detrimento do defendido pelo orador da causa contrária. O caso paradigmático deste tipo de discurso é o que é proferido pelo representante de um partido diante da Assembleia popular, árbitro da situação, a quem compete escolher entre as várias propostas respeitantes a futuras acções políticas. Na peça, contudo, a pessoa a quem é dirigida esta exposição, bem como a contrária, é Fidípides, várias vezes interpelado directamente pela expressão ὦ μαιράκιον ('ó menino', 'ó juvenzinho' — vv. 990, 1000)⁴, que, como diminutivo, tem a função de conseguir as boas graças do jovem que assim é designado. Nesse caso, Fidípides é que deveria ser o juiz da questão, como sugere Sócrates no v. 886 (Αὐτὸς μαθήσεται παρ' αὐτοῖν τοῖν λόγοις.: 'O rapaz vai receber a lição da boca dos próprios Raciocínios'.) e especifica, mais à frente, o corifeu, vv. 937-938: ὅπως ἂν ἀκούσας σφῶν / ἀντιλεγόντων κρήνας φοιτᾷ ('a fim de que ele, depois de ter escutado as vossas exposições contrárias, opte pela escola a frequentar'). Não obstante isso, é o pai, Estrepsíades, quem faz a escolha

² O adjectivo περιδέξιος, 'ágil das duas mãos', 'ambidextro', se ilustra a habilidade do orador, sugere, também, o carácter *ambíguo* e *ambivalente* do próprio uso da dialéctica.

³ A edição que utilizo é a de *Aristophane: les Acharniens, les Cavaliers, les Nuées* — V. Coulon, Paris (1972).

⁴ É também possível que o termo acabe por remeter para a própria inesperienza de Fidípides, aliás salientada aquando do seu primeiro encontro com Sócrates (vv. 868-869): Νηπύτιος γὰρ ἔστ' ἔτι, / καὶ τῶν κρεμαθρῶν οὐ τρίβων τῶν ἐνθάδε. 'É ainda um fedelhozito que nunca esfolou o couro pendurado nas gerinças cá da casa'. E mesmo a alusão obscena, num como noutro caso, não é de pôr de lado.

(cf. vv. 1107-1110), o que constitui, a meu ver, mais um elemento de cómico na peça ⁵.

Embora o Raciocínio Justo não inclua no seu programa educativo a arte da retórica, mostra conhecê-la bem, como veremos no seguimento ⁶. O *genus deliberativum*, dado o carácter urgente do discurso, ou tem um *exordium* mais breve, ou então o dispensa por completo. No passo que estamos a analisar não há *prooemium*. Além de essa ausência estar dentro das regras de composição de discursos, poderá relacionar-se, igualmente, com o facto de a dissertação ter lugar numa comédia. É claro que o teatro se deixou impregnar pela retórica e consentiu, a propósito ou não, longos discursos. Mas, neste caso concreto, o autor teria, ainda, em mente evitar um monólogo muito longo, que corria o risco de aborrecer o público. Daí que esse seja mais um argumento a jogar a favor da supressão do *exordium*. E, mesmo neste discurso mais reduzido, Aristófanes colocou o Raciocínio Injusto a interferir duas vezes durante a exposição do seu oponente, exactamente para imprimir maior dinamismo à dissertação. Esta técnica ainda será mais utilizada no discurso do Raciocínio Injusto, até porque ele está interessado em rebater, ponto por

⁵ Com este empenho pessoal de Estrepsíades e a abulia de Fidípides contrasta a parte final da peça, onde o filho, recentemente formado na arte do Pensador, leva a sua confiança e capacidade de iniciativa até ao ponto de bater no pai, que sente nas costas o peso da ambição e do engano.

⁶ Em boa verdade, a arte de bem falar sempre foi cultivada pelos Gregos, amantes, como eram, do *lóγος*. Exemplos dessa realidade podemos encontrá-los em variados autores desde os Poemas Homéricos. (Bastará, a título de ilustração, citarmos um pequeno passo da *Ilíada* — IX. 442-443 — onde se refere a *ἀρετή* de Aquiles, que lhe fora transmitida por Fénix, seu antigo preceptor: *Τοῦνεκά με προέηκε διδασκόμεναι τάδε πάντα, / μύθων τε ῥητῆρ' ἔμεναι πρηκτῆρά τε ἔργων*. 'Por essa razão me enviou, para eu te instruir em todos estes pontos: / saber usar a palavra e praticar façanhas.' E o que se diz deste poderá dizer-se também dos outros heróis homéricos.) Daí que nos não deva surpreender que também o Raciocínio Justo seja hábil no uso da palavra. O que ele pretende criticar, como salientam os vv. 1019-1021, é a ausência de referentes éticos nos oradores do tempo presente, que não olhavam a processos desde que pudessem atingir o fim desejado, que era conseguir prevalecer sobre o adversário. Aliás, o próprio coro os reconhece a ambos como hábeis no uso da palavra (vv. 949 sqq. Cf. n. 2), sem que o texto deixe de assinalar as diferenças entre eles, como ilustram os vv. 942 sqq. e, sobretudo, 1024 sqq. Toda a comédia acaba por ser, em última análise, uma crítica acerba àqueles que, pela primeira vez, estudaram as potencialidades do discurso de uma forma sistemática. Falo, naturalmente, dos Sofistas, aparecidos, como é sabido, um pouco por toda a Hélade e com os quais Sócrates e o seu ensino são aqui confundidos.

ponto, a posição do adversário, através de um interrogatório cerrado que deixará o inimigo inerte.

Por outro lado, a função do *exordium* é conseguir ganhar a simpatia do juiz ou, em sentido mais amplo, do público face ao assunto que se vai tratar. Ora esse papel é, de alguma forma, substituído pela apresentação elogiosa que o corifeu faz do orador: ὁ πολλοῖς τοὺς πρεσβυτέρους ἤθεσι χρηστοῖς στεφανώσας ('tu que cingiste a fronte dos nossos antepassados com uma grinalda de tantos e tão nobres princípios' — v. 959). É possível que haja, também, excessiva autoconfiança da parte deste orador, que julga ter a verdade do seu lado⁷ e por isso dispensa algumas cautelas. Nesta apresentação que dele faz o corifeu, é-nos dito, desde logo, qual será o teor da exposição do Raciocínio Justo: ao louvar a educação antiga, que é também descrever τὴν σωτοῦ φύσιν (v. 960), está a fazer, de igual forma, uma *laudatio temporis acti*, acentuada pelas várias referências ao respeito que deve ter-se pelas pessoas de antanho (οἱ πρεσβύτεροι; cf. vv. 959, 982, 993). Nesta qualidade da exposição radica, também, a razão das críticas do Raciocínio Injusto: a de que esta educação está ultrapassada (cf. e. g. vv. 984-985). Se nos debruçarmos, contudo, sobre os exemplos aduzidos para ilustrar essa *laudatio temporis acti*, vemos que pertencem ao nível da coloquialidade baixa. A comicidade que daí resulta está patente nas muitas sugestões sexuais, gastronómicas, nas caricaturas poéticas e musicais que são feitas, e que iremos analisar mais em pormenor no decorrer do estudo. Ou seja, a par de todo o empolamento retórico encontra-se o vazio das ideias que constituem o seu conteúdo.

Como última informação antes de passar à análise do passo, devo dizer que, independentemente da exposição que iria fazer, o Raciocínio Justo estava, à partida, condenado a perder. É que, segundo as regras da comédia, o primeiro, de dois oradores inimigos, a falar é o que vai sair derrotado, o que não admira pois o segundo orador pode jogar com a exposição do anterior (como acontece aqui) e é o comentário mais recente que tem maiores possibilidades de prevalecer na memória dos ouvintes. Daí que o Raciocínio Injusto, consciente da sua superioridade, possa dizer Τούτῳ δώσω ('Concedo-lhe esse direito' — v. 941) depois de o corifeu ter perguntado πότερος λέξει πρότερος; ('quem vai ser o primeiro a falar?' — v. 940) (notar a *αππο-*

⁷ V. 962: ὅτ' ἐγὼ τὰ δίκαια λέγων ἦνθον καὶ σωφροσύνη νενόμιστο.: 'quando eu florescia ao proclamar a justiça e a temperança era lei.'

minatio per adiectionem do tipo da modificação inorgânica entre *πότερος* e *πρότερος*).

O discurso abre, portanto, com a parte da *narratio*, que se prolongará até ao v. 983. Se quisermos precisar mais, podemos dizer que começa com um resumo breve da causa que se vai expor (vv. 961-962), ou seja, a parte da *narratio* que se chama *πρόθεσις* ou *propositio*. O que pretende descrever é, então, *τὴν ἀρχαίαν παιδείαν* ('a educação antiga'), educação essa que é logo situada no tempo — *ὅτ' ἐγὼ τὰ δίκαια λέγων ἦνθουν καὶ σωφροσύνη νενόμιστο*⁸ — e valorizada nas suas principais virtudes: *τὰ δίκαια* e *σωφροσύνη*.

Em seguida, vv. 963-983, temos a comunicação mais minuciosa e desenvolvida, isto é, a *διήγησις* ou *narratio* propriamente dita. O orador tem a preocupação de ordenar a exposição, o que, por seu turno, ajuda o ouvinte a acompanhá-la e desperta o interesse por seguir as ideias à medida que vão sendo introduzidas. Assim, a ilustrar essa preocupação, temos *Πρῶτον* (v. 963), *εἶτα* (v. 964), *Εἶτ'* (v. 966), *εἶτ'* (v. 975), todos em início de verso e três deles em repetição anafórica.

O elogio da educação do passado pressupõe o confronto com a do presente, ressaltando-se que a um mau comportamento excepcional dos antigos (v. 969) *τις αὐτῶν (...)* *τινα καμπήν* (aqui reforçado pela *uariatio*, conseguida pelo relaxamento das formas flexivas — *polypytoton* — presente em *τις* e *τινα*: modificação de caso e de género) corresponde, agora, a generalidade (v. 970): *οἷας οἱ νῦν*. Notar, ainda, o uso, no v. 969, da figura etimológica ou cognata, presente em *κάμψαιεν... καμπήν*. O mesmo efeito tem a acumulação do adjectivo e advérbio negativos: *οὐδεις* (v. 977), *οὐδ'* (v. 979), *οὐδ'* (v. 981), *οὐδ'...* *οὐδέ* (v. 982), *οὐδ'... οὐδέ... οὐδ'* (v. 983). Nesta parte final da *narratio* temos, por conseguinte, *polypytoton* (*οὐδεις* — adjectivo —, *οὐδ(έ)* — advérbio), repetição anafórica de *οὐδ(έ)* em quatro versos (três deles seguidos), repetição essa que chega a verificar-se duas (v. 982) e três (v. 983) vezes por verso. Dizer que ninguém se atreveria, no passado, a protagonizar alguma das acções descritas, por medo do castigo, é sugerir que, agora, todas elas são praticadas impunemente.

Esta intensificação dos recursos estilísticos no final da *narratio* vai mais longe. Desta forma, nos três últimos versos (981-983) temos um exemplo do uso do mesozeugma não complexo. O termo zeugmático é *ἐξῆν* e dele dependem os infinitivos (e elementos a eles ligados) *ἀνελέσθαι* (v. 981), *ἀροπάζειν* (v. 982), *ὀροφαγεῖν* (v. 983), *κιχλίζειν*

⁸ Para a tradução veja-se n. 7.

(v. 983) e ἴσχειν (v. 983), os quais sempre se encontram em correlação com o advérbio οὐδέ(ε).

No v. 982, para o membro οὐδέ σέλινον suprime-se não só o mencionado termo zeugmático ἐξῆν, mas também o infinitivo ἀρπάζειν, pelo que, neste caso, o elemento complexivo deve ser considerado ἐξῆν ἀρπάζειν. Quanto ao v. 983, além de repetir três vezes o advérbio negativo, o orador ainda joga com o *homoeoteleuton*, presente na terminação — εἰν dos três infinitivos, a que se pode ligar igualmente a do infinitivo do verso anterior. Sente-se, também, neste v. 983, forte assonância de guturais e, de forma menos notória, de dentais e labiais, o que vem contribuir para aumentar a sonoridade e ritmo desta parte da *narratio*. Por último, a reforçar ainda mais esta acumulação final de membros com organização sintáctica semelhante, encontra-se a utilização do *polysyndeton*, já que δέ (presente em οὐδέ) é um elemento sindético, tal como acontece com *neque*, em latim.

O tipo de delírios, contudo, tão *nobremente* negados, vai baixando de nível. Assim, a título de exemplo, no ginásio os rapazes tinham de estar sentados com as pernas estendidas, ὅπως τοῖς ἔξωθεν μηδὲν δείξειαν ἀπηνέες ('a fim de nada mostrarem de obsceno aos mirones' — v. 974); ninguém se acercava do seu ἐραστής com falinhas mansas ἐαντὸν προαγωγέων τοῖς ὀφθαλμοῖς ('prostituindo-se a si próprio ao fazer olhinhos' — v. 980); refere, depois, o motivo da gulodice, que sempre desperta aplausos: οὐδ' ἀνελέσθαι δειπνοῦντ' ἐξῆν κεφάλαιον τῆς ἄφαντιδος ('nem era permitido, à refeição, tomar a cabeça do rabanete' — v. 981), cómico esse que desenvolve nos versos seguintes, acrescentando novos elementos como οὐδέ κικλίζειν, οὐδ' ἴσχειν τὴ πόδ' ἐναλλάξ ('nem desatar à gargalhada, nem manter as pernas cruzadas' — v. 983). Este desfasamento entre um cuidado extremo na exposição e a pouca categoria dos argumentos utilizados tem a função, naturalmente, de provocar o riso do ouvinte, pois o que se está a fazer é a paródia da retórica e da dialéctica.

Quanto ao conteúdo, esta *narratio* é uma descrição. Quanto à qualidade de exposição é do tipo do *διηγηματικόν*, pois o orador faz um relato de costumes passados.

A última parte da *narratio*, onde, como vimos, há uma concentração dos recursos estilísticos, constitui o tipo de *transitus* afectivo, em que o orador mostra a sua indignação ao descrever os males que a educação antiga não permitiria e que, agora, eram por todos praticados.

Um dos artifícios que o orador podia utilizar para conseguir animar o fio condutor da exposição era construir um diálogo fictício,

que incrustava no discurso, processo esse denominado *subiectio* (*ἀπόκρισις-ἀπόφρασις*). O que Aristófanes agora constrói não é uma verdadeira *subiectio*, já que o diálogo existe efectivamente, mas a função que desempenha é idêntica. Vamos, pois, analisar esse passo.

Como reacção à primeira parte do discurso, o Raciocínio Injusto faz um comentário (vv. 984-985) destinado a desacreditar o *curriculum* que o Raciocínio Justo começara a delinear. Este iniciara a sua exposição dizendo que ia descrever (v. 961) *τὴν ἀρχαίαν παιδείαν*. O Raciocínio Injusto começa a sua crítica também com a palavra *ἀρχαία* (v. 984), mas com cambiantes de significado. É a figura da *distinctio* a que usa neste caso. Assim, quando a palavra aparece pela primeira vez, ‘antigo’ tem conotações positivas: ‘melhor’, ‘tradicional’, ‘verdadeiro’; na segunda utilização salienta-se, antes, o seu lado negativo, isto é, ‘antigo’ como sinónimo de ‘obsoleto’, ‘ultrapassado’. Esta segunda acepção é reforçada pelos qualificativos que à palavra se ligam: *Ἀρχαῖά γε καὶ Διπολιώδη καὶ τεττίγων ἀνάμυστα | καὶ Κηδείδου καὶ Βουφονίων* (‘É só farrapos velhos, do tempo das festas a Zeus protector, uma carrada de cigarras, de ditirambos do velho Cidides, do sacrifício ritual de bois’ — vv. 984-985)⁹ cuja coesão é salientada pelo artifício do *polysyndeton*.

O Raciocínio Justo inicia a réplica a este comentário do adversário com a palavra que, na *subiectio*, introduzia a resposta refutadora: *Ἄλλ’* (v. 985). Notemos que ele não nega que essa educação seja antiga (ou até antiquada), o que constitui uma espécie de *concessio*, mas retira-lhe logo a conotação negativa que o oponente atribuíra, dizendo que foi esse sistema educativo que fez a glória de Atenas: *ἐξ ὧν ἄνδρας Μαραθωνομάχας ἡμῆ παιδευσίς ἔθροεν* (‘mas foi com eles que a minha pedagogia formou os combatentes de Maratona’ — v. 986). E a esses heróis de Maratona, que o seu *curriculum* criou, se opõe a geração flácida e fraca que a educação actual prepara: *Σὺ δὲ τοῦς νῦν ἐθῶς ἐν ἱματίοισι διδάσκεις ἐντετυλίχθαι* (‘Enquanto tu ensinas os de agora é a embrulhar-se logo em mantas’ — v. 987). Ou seja, utiliza o processo do *antitheton*, fazendo opor duas *res* (processos

⁹ Estes qualificativos têm todos a função de acentuar o carácter antiquado da educação defendida pelo Raciocínio Justo. Assim, *Διπολιώδη* é aquilo que sabe a *Διπόλια*, festa em honra de Zeus *Πολιεύς*, notável, sobretudo, pelo arcaico e estranho ritual da forma como se sacrificavam os bois; *τεττίγων* prende-se com o antigo costume de usar, no cabelo, um alfinete em forma de cigarra; *Κηδείδου* remete para o nome de um velho poeta de ditirambos; *Βουφονίων* refere-se ao ritual de sacrificar bois mencionado aquando da primeira palavra comentada.

educativos e épocas) contrárias, cujos efeitos distintos não se encontram apenas expressos nestes versos, mas em toda a exposição.

A intervenção do Raciocínio Injusto fez com que o outro orador passasse para a *argumentatio* (vv. 985-1008). Toda a *argumentatio* se constitui como *probatio* de que a *ἡμῆ παιδευσίς* que criou os *ἄνδρας Μαραθωνομάχας* é a melhor, e *refutatio* da posição progressista adversária: *Σὺ δὲ τοὺς νῦν (...)*.

Depois de responder directamente ao comentário do opositor, o Raciocínio Justo dirige-se ao juiz da contenda para que o escolha a ele: *Πρὸς ταῦτ', ὦ μειράκιον, θαρρῶν ἐμὲ τὸν κρείττω λόγον αἰρῶ*, ('E assim, meu juvenzinho, vai confiante e escolhe-me a mim, o raciocínio mais forte. — v. 990). Com o intuito de melhor o convencer, refere-lhe as vantagens da sua formação, entre os vv. 991-999. A fim de evitar fazer uma repetição fastidiosa dos vários aspectos, acho que podemos integrá-los a todos dentro da rubrica 'excelência de espírito' (*ἀγαθός* ou *mens sana*), um dos dois objectivos primordiais da educação tradicional. É claro que esta 'excelência de espírito' é referida em termos paródicos e cómicos, o que é salientado pelo tipo de vocabulário, como nos sugere, por exemplo, o facto de o jovem dever evitar ser agredido — *μήλω βληθεὶς ὑπὸ πορνιδίου* ('não vá (...) uma putefiazita lançar-te uma maçã' — v. 997)¹⁰ — o próprio diminutivo *πορνιδιον* é cómico; ou então chamar ao pai *Ἰαπετόν (...)* *μησικακῆσαι τὴν ἡλικίαν* ('velho Jápeto (...) atirando-lhe a idade à cara' — vv. 998-999).

Para fazer a enumeração o orador vale-se do protozeugma não complexo que subordina todas as infinitivas que aparecem desde o v. 991 até ao 999 (à excepção da segunda forma de infinitivo que aparece no v. 995). Estão na dependência sintáctica da forma de segunda pessoa do futuro *ἐπιστήσει*, o elemento zeugmático, querendo, com isto, dizer que todos os aspectos positivos que vêm no seguimento dependem do facto de Fidípides optar pelo *curriculum* postulado pelo Raciocínio Justo. O paralelismo da organização sintáctica dos vários membros dependentes e a sua estreita correlação são salientados pelo uso do *polysyndeton*, colocado anaforicamente em quatro versos seguidos, por vezes com duas ocorrências no mesmo verso: *καπιστήσει... καὶ* (v. 991), *καὶ... κἄν* (v. 992), *καὶ* (v. 993), *καὶ* (v. 994). O v. 991 é, ainda, enriquecido pelo uso do quiasmo: *μισεῖν ἄγορὰν καὶ βαλανείων ἀπέχεσθαι* ('a detestar a ágora e os banhos evitar'). No v. 992,

¹⁰ Esta atitude constituía uma dádiva de amor, mas neste caso colocava a reputação do jovem em perigo.

deita mão, uma vez mais, ao recurso da figura etimológica ou cognata, como se pode ver em *αἰσχροῖς αἰσχύνεσθαι* ('a envergonhar-te com o vergonhoso'). A partir do v. 994, o orador refere, de novo, as vantagens do seu sistema educativo, salientadas pela negativa, ou seja, por Fidípides *não vir a fazer* o que (deduzimos) todos agora fazem. O tipo de negação é diferente do analisado na *narratio*, mas também aqui faz uso do *polyptoton* (*μή, μηδέν, μηδ'*), formas combinadas entre si e com conjunções copulativas (*καὶ μή*) e finais (*ἵνα μή*), repetidas anaforicamente (v. 996 e 998) e conhecendo, até, mais do que uma ocorrência em cada verso: *καὶ μή... μηδέν* (v. 994), *μηδ' ... ἵνα μή* (v. 996), *μηδ'... μηδέν... μηδ'* (v. 998). Como pode ver-se, a negativa é muito enérgica e enfatizada a cada momento.

Nos vv. 1000-1001, o Raciocínio Injusto tem outra intervenção. O seu comentário é decalcado no apelo feito ao juiz da questão pelo adversário, alguns versos acima (990), colocando essa exortação no condicional: *Εἰ ταῦτ', ᾧ μειράκιον, πείσει τούτῳ* ('Se te fias nas lérias dele, meu juvenzinho' — v. 1000). Só que os efeitos dessa opção serão muito diferentes dos mencionados pelo Raciocínio Justo: ficará semelhante aos filhos de Hipócrates¹¹ e hão-de chamá-lo 'copinho de leite'.

Face a esta segunda intervenção do Raciocínio Injusto se podem tecer as mesmas considerações que referi a respeito dos vv. 984-985, sobre a semelhança com o recurso da *subiectio* e sobre a ocorrência da *concessio*.

Em resposta a esta observação, o Raciocínio Justo vai apresentar as vantagens (*probatio*) do segundo objectivo que a educação tradicional procurava: a 'excelência física' (*καλός* ou *corpus sanum*); ao mesmo tempo, como é hábito do orador, vai fazendo a *refutatio* da posição contrária. Vale-se, uma vez mais, da negação e repúdio — *οὐ* (v. 1003), *οὐδ'* (v. 1004)¹² — da situação da juventude no tempo

¹¹ Exemplo, dos muitos frequentes em Aristófanes, do *ὀνομαστί κομφοδεῖν*. Hipócrates era sobrinho de Péricles. Eleito general em 426/5 e para 424/3, morreu em finais de 424 na batalha de Délio, deixando três filhos que foram frequentemente alvo de sátira na comédia, por falta de educação. Eram apelidados de 'porcos' e daí o jogo de palavras entre *υἱέσων*, dativo de *υἱός*, 'filho', e *ύσίν*, dativo de *ὑς*, 'porco', 'bácoro'. A referência e eles, aqui, constitui uma amostra da utilização das provas artísticas, ou seja, precisando mais, do uso do *exemplum simile*, cuja função é dissuadir Fidípides de optar pelo *curriculum* que o Raciocínio Justo está a delinear.

¹² Notar a já referida ocorrência, para outros casos, do recurso à variação poliptótica e à repetição anafórica.

presente (*οἷάπερ οἱ νῦν*, v. 1003) de que vitupera, sobretudo, o facto de os adolescentes passarem o tempo na ágora, entretidos com a oratória e com processos sem importância (vv. 1003-1004)¹³. Em vez disso, *ἀλλ'* (v. 1005), a sua educação oferecer-lhe-ia uma vida saudável e sem preocupações (vv. 1005-1008). Este modelo de vida é descrito com vocabulário concreto que nos remete para o mundo das plantas: *ὕπὸ ταῖς μορταῖς* ('sob a copa das oliveiras sagradas' — v. 1005); *στεφανωσάμενος καλάμῳ λεπτῷ* ('coroado com uma delicada grinalda de cana' — v. 1006); *μίλακος ὄζων (...)* *καὶ λεύκης φυλλοβολούσης* ('cheirando a rosmaninho (...) e a álamo de folhas caídas' — v. 1007); *ἦρος ἐν ὄρεα χαίρων, ὁπότεν πλάτανος πτελέα ψιθυρίζῃ* ('gozando o tempo da flor, quando o plátano murmura com o ulmeiro' — v. 1008). De facto, são as plantas, a estação da primavera, que melhor ilustram o viçoso, a força e a juventude que se renovam todos os anos.

A *argumentatio* termina aqui. O tipo de provas apresentadas pelo orador pertence ao *genus artificiale*. Toda a exposição se baseia num *exemplum simile* de teor histórico: se Fidípides escolher o *curriculum* exposto pelo Raciocínio Justo, terá uma formação e excelência semelhantes às que fizeram a glória dos guerreiros de Maratona; caso contrário cairá na flacidez generalizada dos seus contemporâneos.

Entre os vv. 1009-1023 situa-se a *conclusio*. Inclino-me a pensar que o tipo de epílogo aqui presente é a *recapitulatio* ou *enumeratio* das vantagens que há em optar pelo *curriculum* defendido (vv. 1009-1014) e das desvantagens em escolher o agora vigente e o partido do Raciocínio Injusto (vv. 1015-1023). Incide, por conseguinte, *in rebus*.

¹³ Como diz M. F. Sousa e Silva, "Crítica à retórica na comédia de Aristófanes", *HVMANITAS*, XXXIX-XL (1987-1988), 50, «o uso frequente da retórica na ágora, órgão vital do quotidiano cidadão, é referido com o vulgarismo *στομύλλον*, propriamente 'a tagarelice oca e desmedida', que tem por objecto questões *τριβολεκτροπέλα*. Usado unicamente em Aristófanes com valor metafórico, *τριβολος* 'o espinheiro' era vulgar na flora helénica e bem conhecido do lavrador ático; (...) Aplicado à retórica, é sugestivo das suas agruras e asperezas, que picam desagradavelmente os ouvidos mais sensíveis. Ao espinheiro aplica-se o qualificativo *ἐκτράπελος* 'estranho, incómodo' (...) 'que só com dificuldade se desenreda'. É muitas vezes em questões banais, inconsistentes, académicas (*πραγματία*), que os Atenienses se comprazem em pôr à prova a sua subtileza. Ao diminutivo depreciativo acresce o longo composto *γλισχραντιλογεξέπιτριπτος* — *γλίσχος*, com o sentido literal de 'pegajoso, aderente', equivale por metáfora a 'pegajoso, aborrecido, excessivo em pormenores' (...). Estas questões miúdas, maçadoras, põem à prova, em duros confrontos (*ἀντιλογέω*), as velhacarias em que os oradores são mestres (*ἐξέπιτριπτος*).»

O ritmo rápido, a brevidade e acumulação que o caracterizam, contudo, fazem com que este epílogo tenha influência, também, *in affectibus* e actue sobre eles de duas formas:

— como *affectus conquestio*, em favor das consequências boas que advêm da opção pelo modelo de educação antigo;

— como *affectus indignatio*, dirigido contra os resultados obtidos pela educação vigente e contra o seu defensor, o Raciocínio Injusto, cuja ausência de referentes éticos se critica (vv. 1019-1021).

Esta parte final do discurso é a que está construída com mais cuidado, o que não deixa de estar de acordo com os princípios da retórica, pois a última impressão que se deixa sobre o juiz/público é determinante para o sucesso da causa defendida. Vamos, assim, debruçar-nos, mais atentamente, sobre a sua trama.

O orador começa a *conclusio* com uma condicional (vv. 1009-1010)¹⁴ a que se segue a enumeração das consequências no caso de Fidípides fazer da hipótese a sua opção, isto é, se seguir o conselho do Raciocínio Justo. As consequências apontadas estão todas dependentes, em termos sintácticos de *ἐξεις ἀεὶ* (v. 1011), pelo que estamos de novo perante o uso do protozeugma não complexo, de que o elemento complexivo é o mencionado v. 1011. A enumeração dessas vantagens dá-se por acumulação subordinante assindética, em cada verso, do tipo substantivo-adjectivo + substantivo-adjectivo (vv. 1012-1014). Essa correspondência é reforçada pela *paromoesis*, já que alia, por exemplo, a mesma terminação *-αν* (*χροῖαν λαμπράν, γλῶτταν βαιάν, ...μικράν*) à mesma forma casual de acusativo, ou seja, une o *homoeoteleuton* ao *homoeoptoton*.

No v. 1015, outra condicional¹⁵ inicia a hipótese contrária (ideia reforçada pela partícula adversativa *δ'*), cuja organização sintáctica é semelhante à do v. 1009 e onde *ἄπερ οἱ νῦν* se opõe a *ταῦτα (...)* *ἀγὼ φράζω*. Depois segue-se o elemento zeugmático (*πρῶτα μὲν ἐξεις*), já que também aqui o orador utiliza o recurso do protozeugma não complexo. À disposição verbo + advérbio do v. 1011, opõe a organização advérbio (+*μὲν*) + verbo do v. 1016, pelo que podemos dizer que faz uso do quiasmo. Utiliza, na enumeração das desvantagens do sistema educativo actual, igualmente, o processo da acumulação subordinante assindética do mesmo tipo descrito acima. Os mesmos

¹⁴ *Ἦν ταῦτα ποῆς ἀγὼ φράζω, / καὶ πρὸς τούτοισιν ἔχης τὸν νοῦν*,: 'Se fizeres o que te indico / e sobre os meus conselhos debruçares o teu espírito,'

¹⁵ *Ἦν δ' ἄπερ οἱ νῦν ἐπιτηδεύης*,: 'Mas se te meteres a fazer o que fazemos de agora,'

substantivos, porém, (à exceção de *πόσθη*, que é substituído pelo sinónimo *κολῆν*, e o acrescento de *ψήφισμα*) surgem ligados a adjectivos cujo significado é contrário ao que tinham aquando da primeira ocorrência: vale-se, portanto, da antonímia, ou, se preferirmos, do *antitheton* presente na utilização desses adjectivos de significação oposta.

É de notar, também, que, na enumeração que faz dos resultados da sua educação e da do oponente, o Raciocínio Justo refere as várias partes do corpo¹⁶, salientando a ideia de força e de destreza, como consequência do seu *curriculum*, e as características contrárias para o caso de Fidípides optar pela escola do adversário. Ora a referência a *γλώτταν*¹⁷ (vv. 1013 e 1017) alarga o processo a outro plano. Penso que *γλώττα* está como sinónimo de *λόγος*, ‘palavra’, ‘discurso’. Para os jovens saídos das mãos do Raciocínio Justo a ‘língua’, ‘propensão para o uso da palavra’, será *βαιάν*, ‘pequena’, ‘moderada’; para os que forem produto da educação do outro *curriculum*, ela será *μεγάλην*, ‘grande’, ‘comprida’. (Cf. vv. 1002-1004). Esta acepção é reforçada pelo acrescento, na segunda enumeração, de *ψήφισμα* (v. 1019) ‘decreto’, ‘proposta’, cujo carácter excessivo é reafirmado por *μακρόν*, corroborando o que tinha dito no v. 1017.

A partir do segundo hemistíquio do v. 1019, introduz, por meio da conjunção copulativa *καί*, o ataque ao desvirtuamento dos valores éticos, próprio do ensino do Raciocínio Injusto, acusação essa que é expressa por um quiasmo: *τὸ μὲν αἰσχρὸν ἅπαν καλὸν* (v. 1020) / *τὸ καλὸν δ' αἰσχρόν* (v. 1021).

O orador termina esta complicada, mas engenhosa, *conclusio* com uma ameaça final¹⁸, que constitui mais um exemplo da invectiva pessoal, tão do agrado da comédia antiga, sobremaneira da de Aristófanes.

¹⁶ Se bem que algumas delas remetam para a obscenidade, tema que o Raciocínio Justo vituperou em toda a exposição e que, até por isso, mostra exercer sobre ele grande atracção. É claro, também, que a linguagem licenciosa acolhe sempre o agrado do público. É o caso de *πυγή*, ‘traseiro’ e de *πόσθη*, com a variante *κολῆ*, ‘membro viril’.

¹⁷ Sinédoque: o termo está tomado por todo o aparelho fonador responsável pela articulação dos sons. Ainda hoje, na linguagem coloquial, o empregamos com esse sentido.

¹⁸ Vv. 1022-1023: *καὶ πρὸς τούτοις τῆς Ἀντιμάχου / καταπυροσύνης <σ> ἀναπλήσει*: ‘e ainda por cima há-de pegar-te a peçonha desse Antímaco.’ Do Antímaco aqui satirizado não sabemos nada mais em concreto a não ser o que diz o escoliasta: que era bem parecido, efeminado e que não é o mesmo Antímaco referido nos *Acarnenses*, 1150 sqq.